

Algumas considerações sobre Modo e Modalidade na língua Kaingang Sul (Jê)

(Some considerations about Mood and Modality in the Southern Kaingang Language)

Solange Aparecida Gonçalves¹

¹Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)/ CNPq

solangeapg@gmail.com

Abstract: In this article I present considerations on Mood and how some Modal information are expressed in the Southern Kaingang language (Ge). I present the modal semantic function assumed by **ra**, which characterizes a hypothetical or merely possible situation; or even the possibility of another reading in different contexts, in the field of speech acts of obligation or permission. This paper also presents an analysis of the morpheme **vẽ** that may also be used in Southern Kaingang as an operator that expresses epistemic modality.

Keywords: Mood; Modal Domain; Modal Operator.

Resumo: Neste artigo apresento considerações sobre Modo e como se apresentam algumas informações modais ou que se expressam neste domínio na língua Kaingang Sul. Mais precisamente estarei tratando da função semântica modal assumida por **ra** caracterizando uma situação hipotética ou meramente possível; ou ainda a possibilidade de uma outra leitura, em contextos diferentes, no domínio dos atos de fala que implicam obrigação ou permissão. Um outro recorte nesta apresentação diz respeito ao morfema **vẽ** que pode também ser utilizado, no Kaingang Sul, como um operador que exprime modalidade epistêmica.

Palavras-chave: Modo; Domínios de Modalidade; Operadores Modais.

Introdução

As informações de caráter modal são as que se referem ao tipo de compromisso que o falante assume quanto à veracidade do que está sendo transmitido e como isso se interpreta nos enunciados linguísticos. A proposta neste artigo é considerar a perspectiva modal de forma ampla como operações linguísticas que se fazem sobre conteúdos proposicionais e que tem consequências nas relações entre falantes e ouvintes.

Na língua Kaingang, tempo, aspecto, modo e modalidade podem ser expressos através de morfemas gramaticais. As relações estabelecidas pelo uso desses morfemas no discurso Kaingang são complexas e perfazem uma vasta e rica rede de comunicação realizada pelos falantes na enunciação. Nesse sentido, nem sempre é fácil falar desses fatos linguísticos de maneira isolada; por isso, há que se atentar, o leitor, que neste trabalho estará sendo feito um recorte para fins de apresentação.

Minha pesquisa sobre aspectos morfossintáticos, mais especificamente sobre as categorias tempo-aspectuais e modais do Kaingang Sul (um macro-dialeto da língua Kaingang (Jê)¹), se insere no quadro teórico-metodológico da Linguística Funcional. A língua Kaingang (família Jê, tronco Macro-Jê, cf. RODRIGUES, 1999, p. 167) é falada

¹ Conforme D'Angelis, 2008 (ainda não publicado).

por um dos cinco povos indígenas mais populosos do Brasil e o mais numeroso dos povos de língua Jê (D'ANGELIS, 2002). Divide-se em 3 macro-dialetos: São Paulo, Paraná e Sul. Este último engloba as comunidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e abrange 70,5% da população total, estimada atualmente em cerca de 30.650 pessoas. Os dados aqui apresentados são provenientes: i) de gravações de campo feitas por mim em 2008 e 2009 junto a comunidades Kaingang do Rio Grande do Sul (falas espontâneas, narrativas e textos escritos na língua); ii) de dados elicitados (2006 a 2008 e atuais); e iii) de fontes de outros autores que também poderão ser utilizadas e estarão indicadas na própria exemplificação.

Neste trabalho traço considerações sobre Modo e como se apresentam algumas informações modais ou que se expressam nesse domínio na língua Kaingang Sul. Mais precisamente estarei apresentando:

- i) o significado ou a função semântica de Modo assumida pelo morfema gramatical² *ra* caracterizando uma situação hipotética ou meramente possível. Neste caso, o contexto sintático de *ra* é tipicamente o de ocorrência de um 'tipo' de oração subordinada dependente de conjunção 'se';
- ii) a possibilidade de uma outra leitura para o morfema *ra* que, em contextos diferentes, pode ser encontrado na função de domínio dos atos de fala que implicam obrigação ou permissão (ou seja, uma modalidade orientada);
- iii) o morfema gramatical *vẽ*, que, em determinadas circunstâncias, é utilizado no Kaingang Sul como um operador que exprime modalidade epistêmica.

Uma opção teórica

A caracterização linguística das noções de Modo e Modalidade é complexa porque podem ser expressas por várias e diferentes maneiras nas línguas do mundo: morfológica, lexical, sintática ou por entonação (BYBEE; FLEISCHMAN, 1995, p. 1-2). Tampouco são categorias facilmente definíveis e muitas vezes dependem do contexto em que estão inseridas para ser adequadamente descritas e interpretadas.

Ainda assim faço uma opção, apenas no intuito de salientar o referencial teórico utilizado, ao relacionar brevemente termos que poderão estar presentes ao longo deste texto. Note-se que o objetivo prioritário é apresentar alguns significados gramaticais particulares que ocorrem nesse domínio na língua Kaingang ao se utilizar as formas citadas acima.

De maneira geral, Bybee e Dahl (1989, apud BYBEE; FLEISCHMAN, 1995, p. 2) citam que Modalidade é um domínio semântico, enquanto Modo é uma categoria formal de gramática.

² Emprego 'Morfema gramatical' no sentido descrito em Bybee et al. (1994, p. 2): "Formally, grammatical morphemes may be affixes, stem changes, reduplication, auxiliaries, particles, or complex constructions such as English *be going to*. We refer to all of these types equally as grammatical morphemes and for convenience shorten this term to 'gram'". No Kaingang as gramaticalizações de TAM são expressas por 'morfemas' ou partículas geralmente pospostas ao verbo (estarei, por conveniência, não fazendo uma distinção terminológica e uma discussão dos termos. Entendo, pois, que isso não é relevante neste momento).

Quanto às formas de expressão de Modalidade, são sugeridas quatro em Bybee et al. (1994, p. 177):

- i) modalidade orientada para o agente (*agent-oriented*);
- ii) modalidade orientada para o falante (*speaker-oriented*);
- iii) epistêmica;
- iv) subordinante.

Bybee, Perkins e Pagliuca (1994, p. 179) apontam que a modalidade orientada para o falante permite ao falante impor condições diretivas ao destinatário. Diretivos³ incluem comandos, demandas, pedidos, súplicas, advertências, exortações e recomendações. Em seus estudos, os termos gramaticais utilizados para modalidade falante-orientada são: a) imperativo; b) proibitivo; c) optativo; d) hortativo; e) admonitivo; f) permissivo.

A modalidade epistêmica se aplica às asserções e indica a extensão que o falante está comprometido com a verdade da proposição. Probabilidade, possibilidade e certeza inferida são as expressões mais comuns desse tipo de modalidade.

Encontram-se, entretanto, nas línguas do mundo, casos de polissemia no uso de operadores modais e um mesmo operador (ou uma mesma forma) pode assumir diferentes domínios. Por exemplo, muitas formas utilizadas para expressar modalidade falante-orientada e epistêmica podem ser frequentemente usadas para marcar verbos em certos tipos de orações subordinadas (BYBEE et al., 1994, p. 180).

Ilari e Basso (2008, p. 328) sugerem, para o Português, que

duas ou mais proposições podem estar vinculadas em um mesmo enunciado, interpretando-se por referência ao mundo real ou a vários mundos; e que um caso no qual há ocorrência com esta interpretação é o chamado período hipotético, ou seja, um tipo de estrutura de subordinação.

Ao tratar de estruturas hipotéticas, Bybee et al. (1994, p. 208) demonstram que

grams que expressam possibilidade podem ser usados em *prótases* principalmente em condições de realidade, mas em alguns casos também em condições hipotéticas. Assim, um *gram* indicando possibilidade pode ser usado em *if-clauses*, desde que estas estabeleçam um mundo possível.

Neves et al. (2008, p. 958) apontam para o Português que:

[...] nos períodos hipotéticos, a sentença de condição é chamada tradicionalmente de *prótase* ou ‘antecedente’ que se une a uma sentença-núcleo denominada *apódose* ou ‘consequente’. Entre o conteúdo da *prótase* (*p*) e o da *apódose* (*q*) instaura-se uma relação do tipo *condição para realização* → *consequência da resolução da condição enunciada* (em itálico no original). Em outras palavras, a *prótase* expressa uma condição que pode ser realizada, não-realizada ou eventualmente realizada.

³ Aqui os autores se utilizam do conceito presente em Lyons (1977, p. 746): “directives are utterances which impose, or propose, some course of action or pattern of behaviour and indicate that it should be carried out”.

Adiantando, entretanto, que, devido às especificidades das línguas e, no caso aqui, da língua Kaingang, não pretendo me ater a uma classificação muito rígida; ou melhor, a certas divisões mais detalhistas ao tratar dos contextos condicionais ou hipotéticos. Ao invés disso, busco focar primordialmente minha apresentação no significado semântico ou pragmático que o enunciado carrega. Como se perceberá, obviamente nem sempre é possível fazer uma correlação unívoca com determinadas divisões teóricas estabelecidas para outras línguas.

Feitas, então, essas breves considerações, seguem-se nos próximos itens exemplificações de *ra* e *vẽ* expressando domínio semântico de modalidade no Kaingang.

***Ra* como condicional ou hipotético**

Na língua Kaingang encontra-se *ra* com função gramatical de conjunção e glosada em Português como ‘se’. Semanticamente expressa uma função modal em construções que apontam situações hipotéticas ou possíveis.

Essa conjunção também pode ser transposta para o Português como ‘quando’, ‘mas’. Isso se visualiza nos exemplos abaixo ((1) a (4) de GONÇALVES, 2007). Ou ainda com sentido de ‘para’, ‘em direção a’ (caso do exemplo (5)):

- (1) *Kyrũ ta tĩ ra kasor vỹ ti to kyr mũ.*
 rapaz MS ir quando cachorro MS 3SG para latir PFV⁴
 ‘Quando o rapaz estava passando o cachorro latiu para ele’.
- (2) *Isa fãnjãnja kã nỹ ra isóg ã ta prãr mã.⁵*
 [1SG]MS sombra em deitado quando [1SG]MS INDF MS gritar escutar
 ‘Quando eu estava descansando na sombra, escutei alguém gritar’.
- (3) *Inh panh ta kusã sĩ ra nĩ⁶ tĩ.*
 1SG pai MS cedo pequeno quando sentar HAB
 ‘Meu pai levanta quando é cedinho’.
- (4) *Ti kurã ta jun tũ ra ta ter.*
 3SG dia MS chegar não mas [3SG]MS morrer
 ‘O dia dele não chegou, mas ele morreu’.
- (5) *Cidade ra tĩg sór ne jẽnkamu tũ.*
 cidade para andar querer MS dinheiro não (ter)
 ‘Eu queria ir para a cidade, não tenho dinheiro’.

Em outras situações que apresento a seguir, o contexto sintático de *ra* no Kaingang é tipicamente o de ocorrência de um ‘tipo’ de Subjuntivo, ou seja, orações subordinadas dependentes de conjunção ‘se’ (condicional ou hipotético).

⁴ Na medida do possível, mas ainda com algumas adaptações, estarei utilizando as regras de glosa e as abreviações propostas pelo Max Plank Institute (The Leipzig Glossing Rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses). As abreviações utilizadas encontram-se no anexo ao final do texto.

⁵ Por uma questão dialetal se pode encontrar também *mẽ* com a mesma tradução.

⁶ ‘Sentar’ tem o sentido nesse contexto de ‘acordar’, ‘levantar-se’.

Autores como Neves et al. (2008, p. 958) subdividem as construções condicionais em Português em três tipos:

- real/factual: dada a realização /verdade de *p*, segue-se, necessariamente, a realização/verdade de *q*;⁷
- irreal/contrafactual: dada a não realização/falsidade de *p*, segue-se, necessariamente, a não-realização/falsidade de *q*;
- eventual/potencial: dada a potencialidade de *p*, segue-se a eventualidade de *q*.

Como já mencionado anteriormente, não é uma preocupação e, na verdade, talvez não seja realmente necessário estabelecer uma divisão desse tipo para a língua Kaingang quando se trata da utilização do morfema *ra* ao expressar essa referência modal. Entretanto cabem algumas observações a respeito disso. Podemos ver nos exemplos que seguem que, a depender do contexto em questão, aponta-se garantia da possibilidade de realização ou da verdade do que se encontra na *prótase*; ou ainda, eventualmente uma possibilidade da realização ou do fato/evento ser verdade. Por isso, nas exemplificações desses contextos condicionais, estarei utilizando uma glosa genérica (COND = Condicional), mas chamando a atenção do leitor para essas possibilidades.

Ainda uma outra observação pertinente é que estes dados apresentados de (6) a (11) são de minhas pesquisas pessoais de 2006 / 2007 e que foram elicitados com contextualização. Poucas são as exemplificações de *ra*, com esse uso, nas narrativas e textos escritos recolhidos nos trabalhos de campo que fiz mais recentemente. Isso me faz pensar em algumas situações: essa forma de contextualização e de expressão hipotética não é atualmente muito utilizada pelos falantes ou para expressar possibilidade (ou probabilidade) se tenham outros meios mais produtivos na língua. Por outro lado, se se apresenta uma fórmula condicional em Português e o Kaingang a transpõe para sua língua usando *ra*, isso é sinal que esse recurso é corrente. Meu colaborador e falante Kaingang afirma que esse uso modal também se observa para esse morfema.

Vejamos, então, o que se apresentam nos dados.

Observe-se (6):

- (6) *Kófa fi ta kaga nỹ nĩ ra fi pi tĩg tĩ.*
velho CLF:F MS doente deitado IPFV COND 3SG.F MS:NEG andar HAB
'Se a velha estivesse doente ela não andava'.

no qual a verdade de um conteúdo proposicional pode ser a garantia da verdade do outro – 'se ela estivesse doente', então 'ela não andaria'; ainda que a referência se faça hipoteticamente. Mas também podemos ter uma leitura de possibilidade – se ela estiver doente (de cama, deitada), é possível que ela não esteja andando ou não possa andar.

⁷ Lembrando que *p* se refere a *prótase* e *q* a *apódose* (vide citação anterior).

Também em:

- (7) *Sa tỹ Guarani nĩ ra sa hẽ tá nĩj mỹ.*⁸
1SG MS Guarani EXIST COND [1SG]MS LOC⁹ permanecer, ficar. FUT gostar de/querer
‘Se eu fosse Guarani eu gostaria de morar (de estar) em outro lugar’

Nesse exemplo (7) há uma situação hipotética colocada e uma outra informação dada com o uso de *mỹ* ‘gostar de, querer’: além da referência de considerar um outro mundo possível, ou seja, ‘ser de outra etnia’, o falante faz uso da opção de marcar certo grau de comprometimento ou adesão a essa situação hipotética – ‘ele gostaria de morar em outro lugar’. O mesmo enunciado poderia ser falado apenas concluindo a premissa expressa na *apódose*: ‘se ele fosse pertencente a outro povo.... ele estaria em outra aldeia, em outro lugar’; como na construção (8) apresentada por outro falante:

- (8) *Isa ta guarani ra inh sóg ãmã ã tá nĩj tĩ mũ.*
1SG MS Guarani COND 1SG MS aldeia INDF LOC permanecer, ficar. FUT ir PFV
‘Se eu fosse Guarani, eu estaria (lá) em uma outra aldeia’.

Em outro dado encontramos:

- (9) *Isa tag ki ěg ga ki jójó ve ra isóg,*
[1SG]MS DEM LOC 1PL terra LOC papagaio ver COND [1SG]MS
vỹ inh mỹ há tĩj mũ.
MS 1SG para bom HAB.FUT PFV
‘Se eu visse um papagaio aqui na nossa terra seria muito bom para mim’.

Esse exemplo (9) mostra que enunciados não se interpretam por referência apenas ao mundo real, mas a outros mundos possíveis (em outras palavras, a outro estado de coisas), como sugerem Ilari e Basso (2008). Apesar de o falante estar se referindo à sua terra, sua aldeia, que seria um ‘mundo real’, ele fala de uma situação já não frequente ou comum: a visão de papagaios atualmente é rara e, portanto, a hipótese de uma outra possibilidade — ver papagaios na área (aldeia) dele seria muito bom.

Uma construção interessante revelou-se uma vez quando um interlocutor interagiu com minha contextualização. Neste mesmo caminho de se pensar em situações que atualmente não são mais comuns nas aldeias, argumentei que, se vissemos animais grandes que já não vemos com frequência (talvez uma anta naquela área indígena), isso seria motivo para ficarmos felizes. Pedi, então, para o senhor me dizer como ficaria o enunciado: ‘Se eu visse uma anta na nossa área, eu ia ficar (ficaria) muito feliz’. Ele iniciou a fala pensando na pergunta na qual a hipótese estava apontada e, em seguida, complementou (ambas as falas em Kaingang) com o que seria a sua resposta mostrando que a verdade da premissa expressa na *prótase* constituiu-se, no segundo enunciado, em uma boa razão para ele confiar na verdade da conclusão expressa na *apódose*:

⁸ Esse *mỹ* não se confunde com a posposição ‘para’.

⁹ Aqui o significado é ‘lugar que não sabe onde’.

- (10) A pergunta:
Ā ta ójor ve ra ã hã ta ã jykre
 2SG MS anta ver COND 2SG parecido MS 2SG pensamento, idéia, meu saber
hẽ nỹ hẽ ri ke nỹj mũ.
 Q (qual) MS Q EXIST.FUT PFV
 ‘Se você visse uma anta, como ficaria sua idéia, seu pensamento?’
 A resposta:
Sa anta ven ra ta inh mỹ sér tĩh.
 [1SG]MS anta ver COND MS 1SG MS feliz HAB.FUT
 ‘Se eu visse uma anta, eu andaria feliz’.

Ainda uma outra exemplificação que também evidencia esse domínio modal expresso por *ra* pode ser visualizada em (11):

- (11) *Sa kakó kã nĩn ra*
 1SG perto LOC morar COND
sa ã to pasa ké kej mẽ.
 [1SG]MS 2SG para passear fazer.PST fazer.FUT muito¹⁰
 ‘Se eu morasse aqui perto, eu visitaria muito você’.

Ra como modalidade orientada

Anteriormente mencionei que, segundo demonstram Bybee et al. (1994, p. 176 et seq.), em muitas línguas do mundo encontra-se polissemia no uso de operadores modais e um mesmo operador pode assumir diferentes domínios. Na língua Kaingang Sul isso também ocorre com *ra* e é possível uma outra leitura em sua utilização em contexto diferente. Na modalidade orientada ao falante o Imperativo é o exemplo mais comum na função de domínio dos atos de fala que implicam obrigação ou permissão. No Kaingang Sul, *ra* pode ser encontrado expressando esse domínio em sua forma afirmativa, como exemplificado nos dados (12) a (20), que foram retirados de Kókáj (2009):¹¹

- (12) *Grug ra!* - ‘acenda’!
 (13) *Grãg ra!* - ‘asse’!
 (14) *Ke ra!* - ‘faça’!
 (15) *Tĩg ra!* - ‘vá’!
 (16) *Vỹn ke ra!* - ‘volta’!
 (17) *Kyvãn ra!* - ‘desamarre’! (corda)
 (18) *Se ra!* - ‘amarre’! (corda)

¹⁰ Neste exemplo *mẽ* está traduzido como ‘muito’, mas há contextos em que o termo pode expressar aceitação ou novidade e outros nos quais pode ter o significado de ‘parecido, mais ou menos, igual’. Não descarto, portanto, que ele também possa ter uma conotação modal em determinados casos, mas isso fica para uma outra discussão.

¹¹ Disponível em: Kókáj | Kanhgág jé ke pẽ vỹ tag ti. <http://selvino.kanhgag.org>. Acessado em: jul. 2009.

- (19) *Róm ra!* - ‘abra’! (porta)
 (20) *Mro ra!* - ‘nade’! (em açudes)

Observa-se nesses exemplos citados que, com a utilização de *ra*, a indicação diretiva de obrigação é mais fortemente explicitada. Em situações em que há atenuação na fala encontram-se outras construções, por exemplo, o que se visualiza no contraste entre (21) e (22):

- (21) *Re pũn ra!* ‘queima a grama, capim’!
 (22) *Re pũn nĩ ké!* ‘queima a grama, tá’! (KÓKÁJ, 2010 - comunicação pessoal)

***Vẽ*¹² expressando modalidade epistêmica**

Finalmente um outro recorte nesta apresentação diz respeito ao morfema gramatical *vẽ*, que em determinados contextos é utilizado, no Kaingang Sul, como um operador que exprime modalidade epistêmica.

Em Bybee e Fleischman (1995, p. 6), a partir de Bybee (1985), encontra-se a seguinte definição para o termo: “epistemic are clausal-scope indicators of a speaker’s commitment to the truth of a proposition”.¹³

Ao enunciado, neste domínio de modalidade, se atribui um grau de adesão do falante com a verdade expressa no momento da fala. Neste caso, há uma quantificação dos enunciados atribuindo-lhes um caráter de crença ou certeza e isso afeta também o grau de comprometimento do falante com a proposição assertada.

O morfema *vẽ*, nesse domínio, é utilizado como um assertivo, confirmando a proposição ou dando um valor de verdade ao conteúdo proposto no contexto anteriormente citado dentro do discurso Kaingang. Seguem-se os contextos e os exemplos.

Em uma conversa, porém com certo grau de narração, uma senhora Kaingang (V) contava um pouco da história da sua vida. Em diversos momentos desse relato podemos observar *vẽ* expressando esse tipo de modalidade. Além de mim que escutava, participavam da conversa mais três pessoas (uma prima (K) e as suas respectivas filhas (M e E)) que, às vezes, intervinham nas falas.

A senhora (V) inicia contando que todos (da família) eram nascidos em Benjamin Constant do Sul (um município do norte do Rio Grande do Sul):

- (23) (V) (...) *Hỹ ỹ. Kỹ ěg tỹ ser tỹ ta ki naturar pẽ nỹĩ, ser ham. ěg tỹ taki, ěg tag hẽ ki ser nasce ke kãn ja nĩn ham, Benjamin mẽ ki.*
 ‘Sim. Então nós somos natural daqui. Nós aqui, nascemos todos aqui, depois de Benjamin’.

¹² Pode ocorrer alternância de *vẽ* com a forma *vã*.

¹³ Aikhenvald (2004, p. 6, nota 3) aponta que o termo epistêmico tem diferentes significados em diferentes disciplinas:

It is defined, in the *Oxford English Dictionary* (1999), as ‘of or relating to knowledge or degree of acceptance’. The philosophical term ‘epistemic’ signifies ‘the scientific study of knowledge’ (BULLOCK; STALLYBRASS 1988, p. 279). In common linguistic usage (e.g. MATTHEWS, 1997, p. 115) the word ‘epistemic’ is used very differently: it means ‘indicating factual necessity, probability, possibility, etc.’, rather than ‘relating to knowledge’.

Uma das filhas pergunta, na sequência, como se chamava anteriormente a cidade onde eles nasceram. A resposta dada foi a seguinte:

- (24) (V) *Vãsa pi Benjamin ke tĩ vã ham.*
 antigamente MS:NEG Benjamin dizer HAB ASSERT MD
 ‘Antigamente não se chamava Benjamin’.

Apesar de ela não se lembrar qual o nome anterior da cidade de Benjamin, ela sabe e afirma, o que está evidenciado com a presença de *vã* (*vẽ*), que não era esse o nome antigamente.¹⁴

Ela continuou contando fatos de sua vida quando pequena e falando sobre o pai. Em dado momento, a sobrinha perguntou sobre ele e a indagação no plural – os pais – foi feita porque as duas senhoras eram parentes: primas. Reproduzo abaixo esse trecho:

- (25) (M) *Hãre nẽ ãjag panh jyjy ti.*
 Q 3PL pai nome 3SG
 ‘Como é o nome do pai de vocês?’

- (26) (V) *Vagmág vã ham. Kanhgág tỹ ti jyjy tỹ Vagmág nĩ.*
Vagmág ASSERT MD Kaingang MS 3SG nome MS *Vagmág* IPFV
 ‘*Vagmág*. O nome Kaingang dele era *Vagmág*’

- (27) (M) *Hm...???*

- (28) (K) *Vagmág.*

- (29) (M) *Vagmág.* (interrogado apenas com entonação)
 ‘*Vagmág??*’

- (30) (V) *Vagmág vẽ.*
Vagmág ASSERT
 ‘É *Vagmág*’.

- (31) (K) *Jo ta ta José nĩ ker.*
 e MS MS José IPFV não
 ‘E é José, não?!’.

- (32) (V) *José Jacinto vã ham, fóg tỹ ti jyjyn vã ser.*
 José Jacinto ASSERT MD não-índio MS 3SG nome ASSERT MD
 ‘É José Jacinto; é o nome dele em Português’.

O que se observa é que em (26) a senhora (V) afirma que o nome do pai delas em Kaingang era *Vagmág* e depois confirma (em 32) que o nome não indígena dele era José Jacinto. Em ambos os enunciados há a utilização de *vẽ* (*vã*) comprometendo-se com a asserção. É como se ela dissesse: é isso, o nome dele era esse!

¹⁴ É necessário ressaltar que essa construção ainda pode ter um sentido diferente, ou seja, uma possibilidade de utilização de *vẽ* em outro domínio – como um ‘contrafactual’ – ‘o nome anterior (do lugar) não é mais o mesmo (era outro e agora não é mais)’. No entanto, continua, a meu ver, mesmo nessa interpretação, carregando certo compromisso com a asserção.

Na continuação dessa conversa /narrativa, novamente uma das filhas interrompe perguntando sobre o avô. A sobrinha quer saber da tia se o avô era Kaingang mesmo e a tia responde confirmando, dizendo que ‘era, sim, um Kaingang legítimo!’. Note-se o uso de *vẽ* em (34) demonstrando isso:

- (33) (M) *Ã panh mÿ tÿ kanhgág pẽ tĩ ja nĩ, tia.*
 ‘Seu pai era bem índio mesmo, tia’ (?)
- (34) (V) *Hÿ hÿ..., Kanhgág pẽ tĩ vã ham, ěg panh ti,*
 sim/sim Kaingang legítimo HAB ASSERT MD 1PL pai 3SG
pi kyvénh jãgja ve nĩ hẽn,
 MS:NEG sangue misturar parece IPFV igual,parecido
tũm ãn, kar mÿnh fi ke gé.
 negação DEM todos mãe CLF:F fazer também
 ‘Sim, sim... ele era bem legítimo, o nosso pai. Ele não tem o sangue misturado (nada de mistura de sangue), nada, a mãe também’.

Um outro exemplo com *vẽ* expressando esse domínio é o de uma conversa informal na qual alguém comentou sobre uma pessoa mais idosa que sabia contar histórias. Nesse enunciado (35 a seguir) uma das pessoas que participavam — a senhora (T) — faz uma intervenção comparando a idade da mãe dela com a dessa ‘velhinha’ e conclui que, ‘sendo ambas da mesma idade, elas sabem (mesmo) contar bem as histórias antigas...’.

- (35) ...*Mẽ*¹⁵. *Hÿ hã tóg, mÿnh fi kóm ke fag vã ham.*
 ah, é! sim parece MS mãe CLF:F ao mesmo tempo,junto fazer 3PL.F ASSERT MD
Kÿ fag tóg jagnã mré tugtó há nÿtĩ.
 então 3PL.F MS RECP com,junto contar.PL bem IPFV
 ‘Ah, é! Sim, parece. Elas são da mesma idade da minha mãe. Então, elas sabem contar (bem)’.

Ainda para demonstrar o uso desse marcador assinalando modalidade epistêmica, apresento mais dois dados retirados do livro *Kanhgág jinjén* ‘Armadilhas Kaingang’ (2008), de Dorvalino Kógjá Joaquim, um professor pesquisador Kaingang de Guarita (Rio Grande do Sul). Muitos exemplos com o uso de *vẽ* (com esse sentido) podem ser encontrados em seu trabalho; porém, limito-me a citar dois deles.

O primeiro texto que transcrevo encontra-se nas páginas 45 (escrito em Kaingang) e 46 (a respectiva tradução em Português) onde o autor conta sobre como os Kaingang faziam ‘flecha’ *no*. Ele inicialmente menciona que elas eram suas armas para caça (terrestre) e de pássaros (p. 45). Depois ele continua ensinando como se faz a flecha e, no último parágrafo do seu texto, sobre a ponta de flecha para pássaros, se lê:

- (36) *No ki ka tu na kemũ tag tÿ, tÿ nén ù krĩ tÿvÿn mĩ pin ja hár nÿtĩ. Ag pãg há jamãn kÿ kevẽ hãra.*
 ‘A flecha com *na* (virote) é feita para atirar só na cabeça. Isso porque sabem atirar bem (são exímios atiradores)’.
- Jãvo ag tóg jẽsĩ mág ag krĩ tÿ gãm ke tĩ, hamẽ.*
 ‘Mas elas abrem a cabeça dos pássaros’.

¹⁵ *Mẽ*, nesse caso, está sendo usado com o sentido de aceitação ou novidade: ah bom; hum...!; é!.

Kanhgág ag no tu vēmēn hã vĕ.
 Kaingang 3PL flecha em direção contar,falar parecido ASSERT
 ‘Isso é o que falam sobre a flecha dos Kaingang’.

O segundo exemplo se encontra nas p. 10 e 11 do mesmo livro, no qual o autor demonstra como se faz o *ĕgje* ‘armadilha com isca de milho’. Ele explica que essa armadilha é feita no chão, usando o milho para pegar alguns tipos de aves, tais como: saracuras, pombas, perdizes, jacus. Após esclarecer como armá-la e afirmar que os filhos dos Kaingang mais velhos não passaram necessidade de comer carne (porque pegavam muitos pássaros com essa armadilha), ele finaliza assim:

(37) *Fag tÿ ũ tá ag ne tÿ jĕsĭ gé kãmũ,*
 3PL.F MS INDF lá 3PL *diz que* pássaro também vir
gé kãmũ, ke tĩ, jagnĕ kóm. (...)
 também vir dizer HAB RECP junto,ao mesmo tempo
 (...) *Ĕgje kãmén hã vĕ.*
 armadilha com isca de milho explicar,comentar parecido ASSERT
 ‘De um lugar ou de outro, sempre vinham pássaros, dizem. Um ou outro sempre vinham. (...) É o que contam sobre essa armadilha’.

Como se observa em (36) e (37), o fechamento do que está sendo contado é feito dessa maneira usual também em várias outras línguas indígenas — há uma conclusão, um anúncio do término da fala com uma confirmação: é isso!; estou fazendo essa afirmação!; é assim!. Na língua Kaingang, nos casos apresentados nesta seção, é *vĕ* que responde por essa leitura.

Considerações finais

Bybee e Fleischman (1995, p. 3) sugerem que “muitas das funções de modalidade estão tão presas em contextos de interação social que, como consequência, não podem ser descritas adequadamente aparte de suas ‘amarrações’ contextuais das interatividades discursivas”. Mesmo nesta breve apresentação foi possível perceber essa necessidade, pois, em algumas circunstâncias, explicitar a contextualização tornou-se necessário para demonstrar a função assumida pelo marcador dentro de determinada estrutura.

Esse pequeno recorte demonstra que há uma riqueza de informações nos enunciados estabelecendo complexas relações na língua. Há uma contribuição inegável e significativa dessas informações modais dentro da organização discursiva Kaingang e importa compreender, então, melhor seus usos e inter-relações para uma maior compreensão da própria língua e das línguas da família Jê.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Evidentiality*. New York: Oxford University Press, 2004. 452 p.
- BYBEE, Joan L. *Morphology - a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985. 217 p.

BYBEE, Joan L.; FLEISCHMAN, Suzanne. Modality in grammar and discourse – An introductory essay. In: BYBEE, Joan L.; FLEISCHMAN, Suzanne (Eds.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995. p. 1-14.

BYBEE, Joan L.; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, Willian. *The evolution of grammar / Tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994. 398p.

D'ANGELIS, Wilmar R. Kaingáng: questões de língua e identidade. *Liames*, Campinas: IEL-Unicamp, n. 2, p. 105-128, 2002.

_____. *Pensar o Proto-Jê Meridional e revisitar o Proto-Jê, numa abordagem pragueana* - Relatório Acadêmico de Pós-Doutorado. Brasília: UnB. Inédito, 2008.

GONÇALVES, Solange Aparecida. *Aspecto no Kaingang*. 2007. 219f. Dissertação (Mestrado em Linguística. Área de Concentração: Línguas Indígenas) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, 2007.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato Miguel. Classes de palavras e processos de construção. O verbo. In: NEVES, Maria Helena de Moura; ILARI, Rodolfo (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. v. II. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. p.163-365.

JOAQUIM, Dorvalino Kógjá. *Kanhgág jinjén – armadilhas Kaingang*. Tradução de Márcia Nascimento. Campinas: Curt Nimuendaju, 2008. 59 p.

KÓKÁJ, Selvino Amaral. *Kókáj | Kanhgág jé ke pẽ vỹ tag ti*. 2009. Disponível em <<http://selvino.kanhgag.org>>. Acesso em: jun. 2010.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza; D'ALL AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. As construções hipotáticas. In: NEVES, Maria Helena de Moura; ILARI, Rodolfo (Orgs.). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. v. II. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 937-1015.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Macro-Jê. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Orgs.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 164-206.

ANEXO – ABREVIACÕES UTILIZADAS

ASSERT	- assertivo
CLF:F	- classificador feminino / marcação para feminino
COND	- condicional
DEM	- demonstrativo
EXIST	- existencial
FUT	- futuro
HAB	- aspecto habitual
INDF	- pronome indefinido
IPFV	- imperfeito
LOC	- locativo
MD	- marcador discursivo
MS	- marca de sujeito
MS:NEG	- marca de sujeito negativa
PFV	- perfectivo
PL	- plural
Q	- interrogativo
SG	- singular
1	- primeira pessoa
2	- segunda pessoa
3	- terceira pessoa
3SG.F	- terceira pessoa singular - feminino
3PL.F	- terceira pessoa plural - feminino
[1SG]MS	- primeira pessoa singular + marca de sujeito
[3SG]MS	- terceira pessoa singular + marca de sujeito